



**A CADERNETA AGROECOLÓGICA  
E O PROJETO QUINTAL-SEMENTE:  
mulheres, autonomia e produção**



# **A CADERNETA AGROECOLÓGICA E O PROJETO QUINTAL-SEMENTE: mulheres, autonomia e produção**



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Caderneta agroecológica e o Projeto  
Quintal-Semente [livro eletrônico] : mulheres,  
autonomia e produção / [coordenação editorial  
Thalita Rody, Luiza Damigo. -- Palmeira, PR :  
AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia,  
2025.  
PDF

Várias autoras.  
ISBN 978-65-89039-36-5

1. Agricultura familiar 2. Agrobiodiversidade  
3. Agroecologia 4. Mulheres na agroecologia - Paraná  
(PR) 5. Sementes - Produção I. Rody, Thalita.  
II. Damigo, Luiza.

25-275310

CDD-630

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Agroecologia : Desenvolvimento sustentável 630

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

**Coordenação Editorial:** Thalita Rody e Luiza Damigo

**Agricultoras-Pesquisadoras:** Caline Vieira Cavalin Rosário, Elizabete Ribeiro Bueno, Maria Alice Sluzar, Maria Aparecida Alves, Maria de Fátima Portela Krulikowski, Maria Terezinha Skrzeczkowski, Marli Portela Sobenk, Miriane Araújo Serrato Mika, Roseli Maria Oliveira, Rosiliane Levandowski, Sandra Ponijaleki Lopes, Silvana Cordeiro, Silvia Luciane Horst, Sofia Ponijaleki e Vânia Aparecida Ferreira da Rocha

**Textos:** Thalita Rody, Luiza Damigo, Camila Alvarenga e Miriane Serrato

**Fotografia:** Luiza Damigo, Miriane Serrato, Agricultoras-Pesquisadoras e Arquivo AS-PTA

**Revisão técnica:** Laeticia Jalil

**Revisão copidesque:** Thalita Rody

**Projeto gráfico e diagramação:** Júlia Militão

Estimulamos a livre circulação deste texto. Sempre que for necessária a sua reprodução total ou parcial, solicitamos que o documento A Caderneta Agroecológica e o Projeto Quintal-Semente: mulheres, autonomia e produção seja citado como fonte. A versão eletrônica deste documento está disponível no site [www.aspta.org.br](http://www.aspta.org.br)

## AGRADECIMENTOS

Com imensa gratidão, dedicamos estas páginas às 15 mulheres agricultoras familiares que, com sabedoria, dedicação e coragem, deram vida ao projeto “Quintal-Semente: mulheres, autonomia e produção”, através das Cadernetas Agroecológicas.

Cada registro, relato e prática compartilhada reafirma a força e o valor do conhecimento que nasce da terra e da vida cotidiana que vem dos quintais.

Agradecemos a todas as pessoas que acreditam e impulsionam o trabalho das mulheres na agricultura familiar, reconhecendo sua capacidade de transformar realidades e construir um futuro mais justo para as futuras mulheres (e gerações) que hão de vir. Nosso agradecimento se estende às organizações da agricultura familiar que apoiam o protagonismo feminino, a valorização das comunidades rurais e defendem a agroecologia.

Esta cartilha é fruto de um trabalho coletivo. Feita por mãos que plantam, pesquisam, cuidam e sonham. Que ela inspire novas caminhadas, reafirme a importância do trabalho de cada uma e fortaleça ainda mais as vozes e os saberes das mulheres. Estejam elas nas áreas rurais, cidades, florestas.

Com carinho e esperança, seguimos em marcha.

Sem Feminismo não há Agroecologia!

“As mulheres sempre foram as primeiras guardiãs da terra, do alimento e da vida. Proteger a terra é proteger a nós mesmas.”

Vandana Shiva

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>A CADERNETA AGROECOLÓGICA</b>	<b>10</b>
<b>RESULTADOS DA PESQUISA</b>	<b>13</b>
Procedimentos de coleta e tratamento de dados	13
Caracterização Socioeconômica das Agricultoras	17
Trabalho Produtivo e Reprodutivo	19
Acesso a Políticas Públicas de Apoio à Agricultura Familiar e outras políticas	22
Condições de Acesso à Terra	25
Infraestrutura de Acesso à Água	26
Acesso a Mercados	29
Participação em Grupos Produtivos e Redes	34
Participação em Espaços de Organização Coletiva	35
Contribuição Econômica das Agricultoras	37
Relações Econômicas na Produção e Serviços	40
Produção de Alimentos	46
Produção de Ítens Não Alimentícios	52
Mapa da Sociobiodiversidade: retrato vivo de histórias e sonhos	57
<b>COLHEITAS</b>	<b>60</b>

## O SUCESSO NA VIDA

A estrada para a vitória  
Ela não é reta

Existe uma curva chamada fracasso  
Um trecho chamado confusão  
Um quebra-mola chamado dificuldade  
Os pneus furados chamando atenção ao atraso

Mas se você tiver um estepe chamado fé  
E um motorista chamado Jesus  
Com certeza você chegará ao lugar chamado “sucesso”

Digo “sucesso” porque isso foi o que a gente encontrou  
nessa caminhada. A gente aprendeu a substituir todos  
esses momentos difíceis que a gente teve. E a gente  
enfrentou pela riqueza que encontrou em cada página  
da Caderneta que a gente anotou.

**Por Maria Terezinha W. de Oliveira**  
**Invernada, Rio Azul, 2024.**

# APRESENTAÇÃO

Esta cartilha é resultado de um ano de trabalho coletivo e profundamente transformador desenvolvido com mulheres agricultoras familiares de 03 municípios do Paraná: Palmeira, Rio Azul e Teixeira Soares. O Projeto Quintal-semente: mulheres, autonomia e produção foi executado por meio da parceria institucional entre a AS-PTA – Agricultura Familiar e Agroecologia, o Grupo de Trabalho de Mulheres da Articulação Nacional de Agroecologia (GT Mulheres da ANA) e o Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM). A iniciativa teve como objetivo central promover processos de auto-organização e fortalecimento de redes de mulheres, com foco na autonomia, soberania e segurança alimentar e nutricional, geração de renda e conservação da sociobiodiversidade. Nesse caminho, os saberes das mulheres, materializados em seus quintais, suas práticas de produção e reprodução e sua relação com a terra foram nossa bússola.

Os resultados e reflexões apresentados nesta publicação foram alcançados por meio da metodologia político-pedagógica da Caderneta Agroecológica, desenvolvida com o objetivo de tornar visível os trabalhos produtivos e reprodutivos realizados pelas agricultoras familiares. A metodologia as convida a registrar, com base em suas próprias experiências e conhecimentos, tudo aquilo que é produzido, trocado, consumido, doado ou vendido a partir dos seus quintais e áreas de cultivo e de protagonismo. Trata-se de um processo de auto-observação, reconhecimento e valorização do fazer cotidiano, que fortalece a autonomia das mulheres, amplia sua compreensão sobre seu trabalho e potencializa processos coletivos de auto-organização e incidência política. As Cadernetas Agroecológicas contribuem, portanto, para a emancipação e a transformação social a partir da realidade das mulheres. Nessa metodologia, de cunho feminista, as agricultoras familiares – do campo, das florestas e das águas – são protagonistas de toda a pesquisa: refletem e produzem questionamentos e análises que qualificam e orientam a pesquisa; por essa razão, assumem a identidade de agricultoras-pesquisadoras.

Ao longo do projeto, as Cadernetas Agroecológicas foram ado-

tadas como um meio de registro e reflexão sobre as práticas produtivas cotidianas das agricultoras-pesquisadoras. Muito além de um simples método de anotação, as cadernetas assumiram um caráter político fundamental: tornaram-se uma ferramenta de visibilidade do trabalho realizado por essas mulheres, contribuindo para o reconhecimento de sua importância na manutenção da socioagrobiodiversidade, na geração de renda, na garantia da soberania e segurança alimentar e nutricional, no fortalecimento dos tecidos sociais dos territórios e comunidades – são elas as cuidadoras da vida – e na construção de uma vida livre de violências. Elas também se revelaram uma potente base para a formulação de políticas públicas voltadas à agricultura familiar, às mulheres do campo e à agroecologia.

A comunicação entre as participantes foi sustentada pelas visitas e atividades presenciais e, ainda, por meio de um grupo de WhatsApp, que se consolidou como um espaço de troca diária. Nessas interações, dúvidas sobre os registros nas cadernetas, fotos das produções, relatos de desafios e conquistas foram compartilhados com generosidade e afeto. Assim, o grupo também cumpriu um papel importante de ferramenta para comunicação e mobilização das agricultoras-pesquisadoras, para a articulação política e para o planejamento da assessoria técnica, que qualifica sua atuação a partir das experiências e relatos compartilhados cotidianamente pelas agricultoras familiares.

Em maio de 2024, ao completarmos seis meses de execução, realizamos um Seminário com a presença das agricultoras-pesquisadoras, movimentos sociais, instituições de ensino, pesquisa e extensão e organizações parceiras. O encontro foi marcado por trocas ricas, fortalecimento dos vínculos e reflexões coletivas a partir dos dados sistematizados até então. Foi um momento de celebração, mas também de reafirmação dos compromissos assumidos com a construção de territórios mais justos e solidários.

No contexto do território, muitas mulheres ainda enfrentam o desafio de estarem vinculadas à cultura do fumo, marcada pela lógica da monocultura e pela dependência de insumos externos. No entanto, também emergem as experiências que essas mulheres vêm construindo coletivamente: ações concretas de

transição, diversificação e fortalecimento da agroecologia. Também se destaca a contribuição da AS-PTA, através de seu Programa Local Paraná, que atua no território desde os anos 2000, animando processos de organização de redes e de sujeitos coletivos em defesa da agroecologia, como os grupos e coletivos de mulheres agricultoras familiares e juventudes.

Esta cartilha é, portanto, resultado de um processo coletivo e transformador. O material apresenta os dados levantados ao longo de todo o período de execução do projeto – entre novembro de 2023 e outubro de 2024 – e reflexões sobre a importância do trabalho das mulheres e os desafios que ainda marcam suas vidas, como podemos verificar com os dados sistematizados.

Cada registro é expressão de um fazer cotidiano que resiste, transforma e propõe novos caminhos. Que esta publicação contribua para ampliar o reconhecimento das agricultoras como protagonistas da agroecologia, para fortalecer processos de auto-organização e projetos políticos e institucionais, além de ações e redes comprometidas com a justiça social. Sem feminismo, não há agroecologia!





A metodologia das Cadernetas Agroecológicas articula três instrumentos complementares, que possibilitam uma leitura ampla e participativa da realidade das agricultoras e de seus territórios:



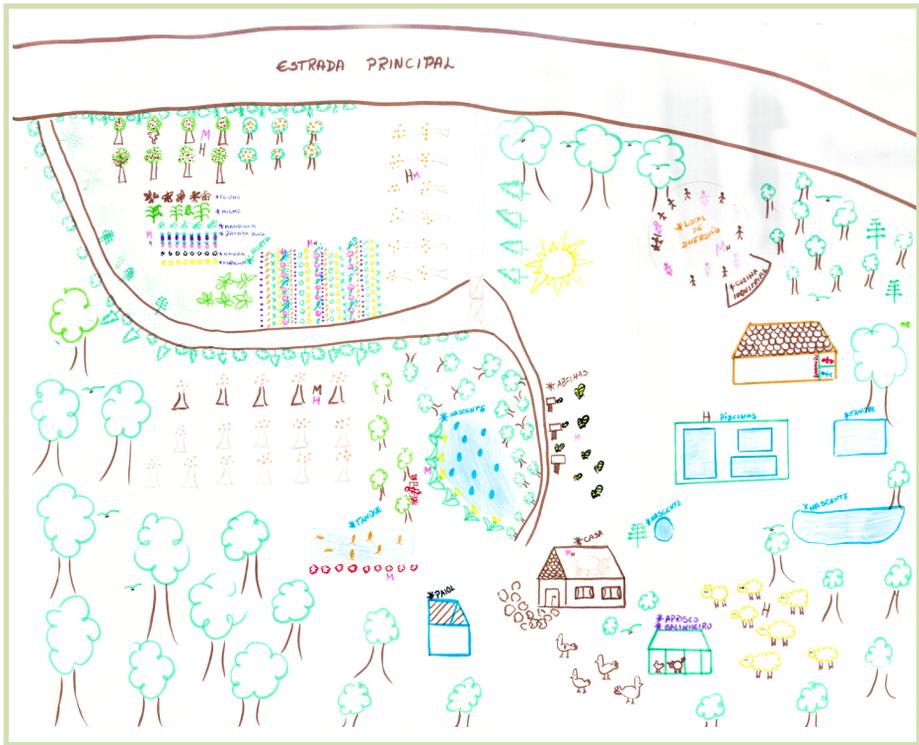
**Caderneta Agroecológica** - Utilizada pelas agricultoras-pesquisadoras para anotar, diariamente, tudo o que produzem para o autoconsumo, a venda, a troca e a doação. Através desses registros, é possível mensurar o valor real da produção agroecológica das mulheres, evidenciar a diversidade produtiva e a contribuição do seu trabalho para a conservação da agrobiodiversidade, para a economia familiar, para a soberania e segurança alimentar e nutricional e para a manutenção de vínculos e de relações de solidariedade e reciprocidade que alimentam e fortalecem o tecido social.



**Questionário de Caracterização Socioeconômica** – Aplicado com todas as agricultoras-pesquisadoras, reúne informações sobre renda, escolaridade, acesso à água e à terra, estrutura produtiva, composição familiar, participação em organizações sociais e políticas públicas, entre outras. O questionário permite compreender o contexto socioeconômico em que as agricultoras estão inseridas e subsidiar estratégias de fortalecimento da agroecologia com recorte de gênero.



**Mapa da Sociobiodiversidade** – Elaborado por cada agricultora-pesquisadora, os mapas nos permitem reconhecer as relações de poder materializadas nos distintos espaços do agroecossistema, visibilizar e reconhecer o trabalho e os espaços de protagonismo das mulheres no agroecossistema. Constitui importante exercício de autorreflexão e problematização para a mulher e a assessoria técnica sobre o trabalho das mulheres, além de permitir a construção de um inventário produtivo do agroecossistema.



Esses três instrumentos, aplicados de forma articulada, compõem uma metodologia que, além de visibilizar o protagonismo das mulheres na agroecologia, também propicia a reflexão crítica sobre os desafios enfrentados nos territórios.

O estado do Paraná abriga ainda uma forte cultura camponesa, enraizada na produção diversificada, na organização comunitária e na valorização dos saberes tradicionais. As regiões Sul e Sudeste são guardiãs de sementes crioulas, patrimônio genético que conta histórias e é fundamental para a soberania alimentar e a conservação da agrobiodiversidade. Embora a resistência e a diversidade constituam a identidade do estado, o Paraná também convive com a ofensiva do agronegócio, mercado, sobretudo, pela cultura do fumo, caracterizada pela dependência de insumos externos e pela lógica da monocultura.

A aplicação das Cadernetas Agroecológicas representa, nesse contexto, um convite para impulsionar experiências agroecológicas, baseadas na diversidade produtiva, na preservação da

agrobiodiversidade, na autonomia econômica das mulheres e na valorização dos saberes locais. Ao olhar para as práticas agroecológicas das mulheres, as Cadernetas também nos provocam a ampliar a reflexão sobre as diversas identidades presentes no campo e suas realidades. Fomentar processos de autonomia, auto-organização e visibilidade dos diversos trabalhos realizados oportuniza a criação de estratégias coletivas de incentivo à permanência das juventudes rurais no campo. Contribuí, também, para a construção de um projeto de sociedade baseado na luta antirracista e antilgbtqi+fóbico, enraizado na justiça social e orientado pela agroecologia como horizonte de transformação.

A seguir, serão apresentados os dados obtidos ao longo de 1 ano, por meio dos três instrumentos que integram a metodologia das Cadernetas Agroecológicas. O projeto foi executado entre novembro de 2023 e outubro de 2024, com 15 agricultoras dos municípios de Palmeira, Rio Azul e Teixeira Soares.

## RESULTADOS DA PESQUISA



### Procedimentos de coleta e tratamento de dados

A coleta e o tratamento de dados realizados neste estudo seguiram uma abordagem metodológica participativa, envolvendo diretamente as agricultoras-pesquisadoras. As informações sobre produção foram registradas pelas participantes ao longo de 12 meses, utilizando a Caderneta Agroecológica. Esse método permitiu que as agricultoras monitorassem suas próprias atividades produtivas, reforçando o caráter colaborativo da pesquisa e promovendo maior engajamento com os resultados.

Os dados registrados pelas agricultoras foram periodicamente coletados pela equipe técnica do projeto e sistematizados em um sistema web desenvolvido especificamente para a Caderneta Agroecológica. Paralelamente, foram aplicados questionários junto às participantes, sistematizados em formulários online e convertidas em planilhas de dados, para que fossem analisadas.

Ao todo, foram contabilizadas 7.205 linhas de anotações, abrangendo 15 agricultoras ao longo de 12 meses. É importante reforçar que a prática diária de anotações nas Cadernetas se insere no cotidiano de cada agricultora-pesquisadora, já marcado por intensa sobrecarga de trabalhos. Assim, os dados levantados por essa pesquisa representam um universo ainda mais amplo do seu trabalho, o que significa dizer que são dados expressivos, mas ainda subnotificados. As informações apresentadas neste material foram, evidentemente, fieis às anotações, mas há que se considerar a realidade da subnotificação; isto é, se considerarmos o que, por diversas razões, não pôde ser anotado, estes números certamente seriam ainda mais expressivos.

Como parte do processo participativo, foi realizada uma devolutiva preliminar às agricultoras após seis meses de coleta, permitindo que elas acompanhassem o andamento do projeto e refletissem sobre os dados já registrados. Esse retorno fortaleceu o envolvimento das agricultoras-pesquisadoras e contribuiu para a qualidade do processo de coleta e análise.

O projeto contribuiu de maneira expressiva para o fortalecimento das entidades de assessoria. Em especial ao Programa Local Paraná da AS-PTA Agricultura Familiar e Agroecologia, por ter sido realizada no território de atuação direta. A AS-PTA movimenta, junto às redes territoriais, diferentes estratégias em defesa da agrobiodiversidade e da agroecologia há mais de duas décadas no Centro-Sul, Sul e Sudeste paranaense. Nos últimos anos, vem contribuindo diretamente na animação e consolidação do movimento territorial de mulheres, formado em sua maioria por agricultoras familiares. Os processos de experimentação a partir dos quintais produtivos, incentivo a organização em grupos comunitários, promovendo processos de formação e participação política, e acesso a mercados territoriais permeiam as ações de assessoria.

Os exercícios propostos pela Caderneta Agroecológica na coleta de dados, análise, reflexão e partilha, feitos de forma coletiva desde o início, representam uma potente oportunidade de aprofundar os vínculos com as agricultoras-pesquisadoras e com todas as mulheres do território. Os resultados visibilizam

a contribuição das mulheres na produção agroecológica, com diversidade e qualidade, evidenciando também a sua sobrecarga de trabalho, a necessidade de refletir sobre a divisão sexual do trabalho e participação em espaços de decisão. Diversas questões emergem para as próprias organizações de assessoria refletirem. Ao conhecer melhor as realidades das 15 agricultoras-pesquisadoras, é possível provocar uma reflexão mais ampla sobre a agricultura familiar no território, enxergando potencialidades e limitações a serem superadas. Partes de um vitral que, ao tomar forma, possibilita o desenho de estratégias comuns para garantir a permanência, valorização e autonomia das mulheres agricultoras.



“

É uma coisa muito boa, você come sem veneno, é uma coisa pura.”

María de Fátima Portela





## Caracterização Socioeconômica das Agricultoras-Pesquisadoras

A pesquisa incluiu 15 mulheres agricultoras familiares de comunidades rurais dos municípios de Palmeira, Rio Azul e Teixeira Soares, no Paraná.

A média de idade das participantes é de 43,9 anos, com idades variando entre 25 e 71 anos. A maioria das entrevistadas (53,3%) está na faixa etária entre 32 e 55 anos, indicando uma predominância de mulheres em idade economicamente ativa.

Todas as agricultoras informaram utilizar WhatsApp, o que revela um alto nível de conectividade digital, mesmo em um contexto rural, facilitando a comunicação e o acesso a informações.

No quesito cor/raça, a maioria das respondentes (12 mulheres, ou 80%) se autodeclarou branca. Apenas 3 mulheres (20%) se identificaram como pardas, evidenciando uma composição racial pouco diversa entre as entrevistadas. Em relação ao estado civil, 80% das mulheres são casadas com homens, 13,3% são solteiras, e 6,7% divorciadas. Isso sugere uma predominância de arranjos familiares tradicionais entre as agricultoras.

Quase todas as agricultoras (93,3%) possuem filhos, variando entre 1 e 6. Entretanto, a maioria possui entre 1 e 3 filhos. As idades dos filhos são bastante variadas, entre 3 e 48 anos.

Em relação à escolaridade, observa-se uma ampla variação nos níveis de educação formal. Quase metade das participantes (7 mulheres, ou 46,7%) completou o ensino médio, enquanto 4 delas (26,7%) concluíram o ensino fundamental. As demais 4 mulheres apresentam diferentes níveis de escolaridade: 1 não concluiu o ensino fundamental, 1 possui ensino médio incompleto, 1 concluiu um curso técnico e 1 tem ensino superior completo.

66

**E isso, nossa, nos representa muito como mulher, mostra a nossa identidade, nosso valor. Porque muitos falam que a gente dona de casa, que trabalha, não faz nada. Mas a gente conseguiu ver o quanto de serviço, até mesmo mais que o trabalho do homem.”**

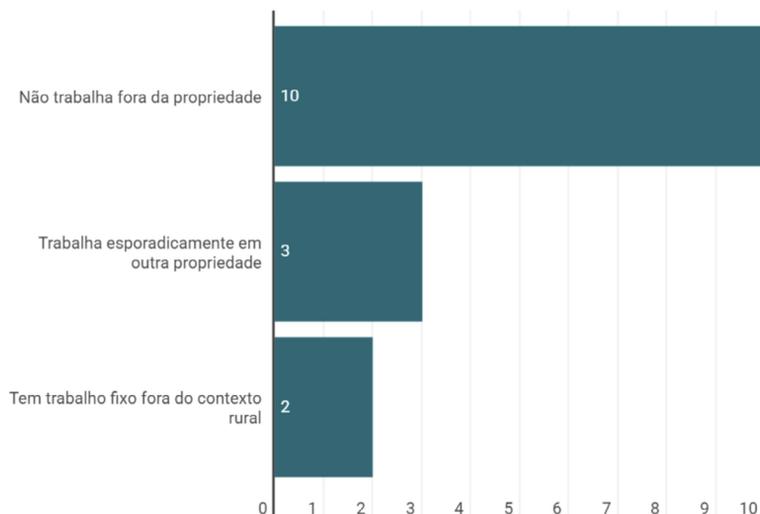
**Elizabeth Ribeiro**





## Trabalho Produtivo e Reprodutivo

Do total de 15 agricultoras, todas elas desempenham trabalho produtivo nas propriedades em que residem e 5 (33,3%) delas exercem atividades remuneradas fora de suas propriedades. Destas, 3 (20% do total) realizam trabalhos esporádicos em outras fazendas, enquanto 2 (13,3% do total) possuem empregos permanentes fora do ambiente rural.



Isso indica uma predominância do trabalho no campo, refletindo, possivelmente, a atividade agrícola como fonte principal de renda. Além disso, é importante observar que as agricultoras que possuem empregos fora da sua propriedade rural estão, em sua maioria, engajadas em atividades informais ou temporárias. Esses dados evidenciam que, ainda que esporadicamente estejam ligadas a trabalhos externos, as agricultoras-pesquisadoras tendem a centrar seu trabalho na propriedade, o que resulta no fortalecimento e diversificação da produção, na soberania e segurança alimentar e nutricional, na preservação dos saberes tradicionais e das práticas agroecológicas e na geração de renda.

Além do trabalho produtivo, as agricultoras relataram ser as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e pelas atividades de cuidados em suas casas. Esse papel, muitas vezes in-

visível, reflete uma sobrecarga de funções, que exige delas um alto nível de organização e divisão do tempo entre as atividades produtivas e reprodutivas. Além da presença de filhos pequenos em parte dos domicílios, em 3 deles também residem idosos, dos quais 2 necessitam de cuidados especiais, aumentando ainda mais as demandas de cuidado e atenção. Essa situação evidencia a dupla jornada enfrentada por essas mulheres, que, além de desempenharem tarefas no campo e fora dele, também se dedicam intensamente ao cuidado de seus familiares, muitas vezes sem o apoio adequado, o que pode impactar sua saúde física e emocional.

A sobrecarga de trabalho e a responsabilidade dos trabalhos domésticos atribuída às mulheres não é exclusiva deste contexto; ao contrário, reflete uma realidade compartilhada com mulheres de diversas regiões, rurais e urbanas, no Brasil e no mundo. Essa desigualdade histórica, que naturaliza o papel das mulheres como únicas responsáveis pelo cuidado da casa, da família e da comunidade, impacta diretamente sua autonomia, saúde e tempo disponível para outras atividades, como a formação, o lazer e a participação política.

A Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico surge como uma estratégia fundamental para enfrentar essas desigualdades. A campanha propõe a sensibilização de toda a comunidade para a corresponsabilidade nas tarefas do cuidado, reconhecendo o trabalho doméstico como trabalho essencial à vida e à economia. Ao promover o debate sobre justiça de gênero e redistribuição do trabalho, a campanha fortalece a luta das mulheres por condições mais justas e dignas de vida no campo.





“A gente também faz parte do programa do PAA Sementes, então a gente produz com aquela alegria, sabe que vai ter aquele retorno, né? Nós plantamos, cuidamos e temos o êxito, a gente tem também o dinheiro da gente, o lucrozinho que vem para sustentar ainda mais a firmar a família aqui na propriedade.”

Leila Castilho



## Acesso a Políticas Públicas de Apoio à Agricultura Familiar e outras políticas

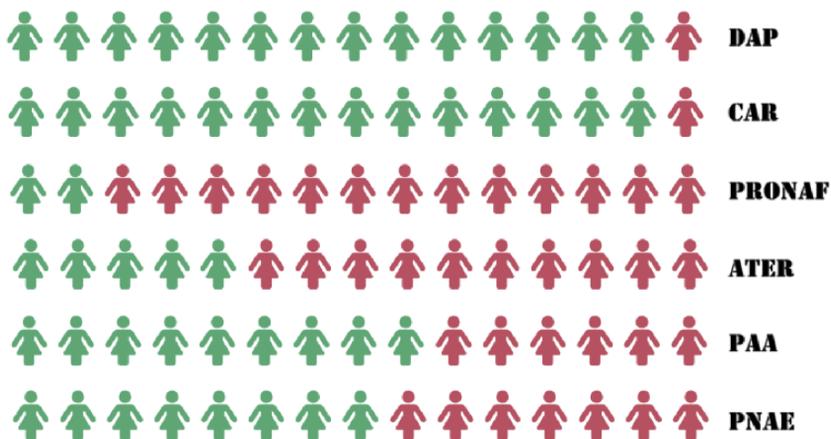
Das 15 agricultoras entrevistadas, 14 (93,3%) afirmaram possuir a Declaração de Aptidão ao Pronaf (DAP), um documento essencial que identifica e caracteriza agricultores familiares. A DAP é, em essência, uma “carteira de identidade” da agricultura familiar, emitida com base em critérios como renda, tamanho da propriedade e atividades desenvolvidas. Apenas uma das 14 agricultoras com DAP não informou sobre sua titularidade. Entre as 13 que responderam, 12 relataram ser titulares da DAP, seja de forma individual ou compartilhada com seus cônjuges, **evidenciando a centralidade das mulheres na gestão dos benefícios relacionados à agricultura familiar.**

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf) é uma política pública fundamental para as agricultoras. Para acessar o Pronaf e outras diversas políticas públicas, a DAP é indispensável. O Pronaf oferece crédito rural com condições diferenciadas, como juros baixos e prazos estendidos de pagamento, com o financiamento tanto de atividades agrícolas quanto de atividades não agrícolas. O programa visa modernizar a produção e ampliar a renda das famílias rurais, sendo uma ferramenta estratégica para o fortalecimento da agricultura familiar.

Das 15 participantes, 2 relataram acesso atual ao Pronaf, enquanto outras 5 indicaram já ter acessado o programa no passado, mas não o fazem mais. Apenas uma agricultora relatou ter acessado o Pronaf Mulher, voltado exclusivamente para agricultoras. Elas relataram ter dificuldade para acessar essa modalidade, apesar da existência das linhas de crédito em sua região. O mesmo foi relatado sobre a linha Pronaf Agroecologia.

É importante destacar que outras políticas, como o acesso ao Cadastro Ambiental Rural (CAR), frequentemente estão associadas ao Pronaf. O CAR é um registro obrigatório para todos os imóveis rurais e serve para regularizar ambientalmente as propriedades, facilitando o planejamento e acesso a financiamentos. Esse instrumento contribui para a sustentabilidade das práticas agrícolas

e para o cumprimento das normas ambientais, beneficiando agricultoras que buscam consolidar seus empreendimentos de forma sustentável. Entre as 15 agricultoras, 14 relataram possuir o CAR.



As agricultoras acessaram outras políticas públicas voltadas à agricultura familiar e à produção agrícola como um todo. Destacaram-se os seguintes programas e iniciativas:

- ⚙️ **Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER);**
- ⚙️ **Garantia-Safra;**
- ⚙️ **Programas de Comercialização;**
- ⚙️ **Programa de Aquisição de Alimentos (PAA);**
- ⚙️ **Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).**

Os dados demonstram o elevado nível de adesão das mulheres entrevistadas às políticas públicas de apoio à agricultura familiar. Isso reflete tanto a busca por melhorias nas condições de produção e renda quanto o protagonismo feminino na gestão desses recursos e ferramentas.

Além dos programas diretamente ligados à agricultura familiar, as agricultoras também já acessaram ou acessam uma série de políticas públicas que ampliam a proteção social e a inclusão produtiva no meio rural, tais como: Aposentadoria Rural, Previdência, Bolsa Família, Salário-Maternidade e Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR).

“

A gente aprendeu a valorizar também o pedacinho que a gente tem de terra, não é muita aqui em volta. Mas quanta coisa que eu tiro para o nosso sustento da casa, pra alimentação, para os vizinhos, a gente vende e entrega pra outros projetos. E vou continuar.”

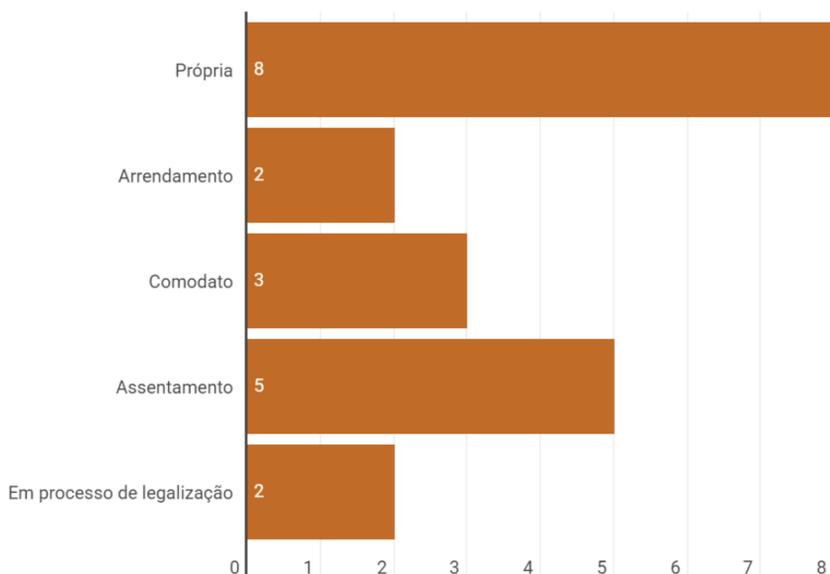
Maria Terezinha S.





## Condições de Acesso à Terra

As propriedades rurais das agricultoras estão distribuídas entre os municípios de Palmeira (46,7%), Rio Azul (20%) e Teixeira Soares (33,3%), com formas diversificadas de acesso à terra. A maioria (53,3%) possui terra própria, enquanto 33,3% das propriedades estão localizadas em assentamentos rurais. Outras formas de acesso incluem arrendamento, comodato e terras em processo de legalização, refletindo a diversidade de condições fundiárias enfrentadas por essas agricultoras.



Entre as 15 agricultoras, 13 (86,7%) souberam informar o tamanho da terra que cultivam, demonstrando um bom nível de conhecimento sobre a área em que vivem e trabalham. **No entanto, apenas 7 delas (46,7%) possuem a documentação da terra registrada em seus próprios nomes.** Nos demais casos, a propriedade está registrada no nome de terceiros, como marido, ex-marido, pai, tio ou sogro, evidenciando uma desigualdade de gênero na formalização da posse da terra.

Essa realidade reflete desafios históricos e culturais no acesso das mulheres ao reconhecimento legal de seus direitos fundiários.

rios. Isso pode impactar diretamente sua autonomia e acesso a políticas públicas voltadas para a agricultura familiar.

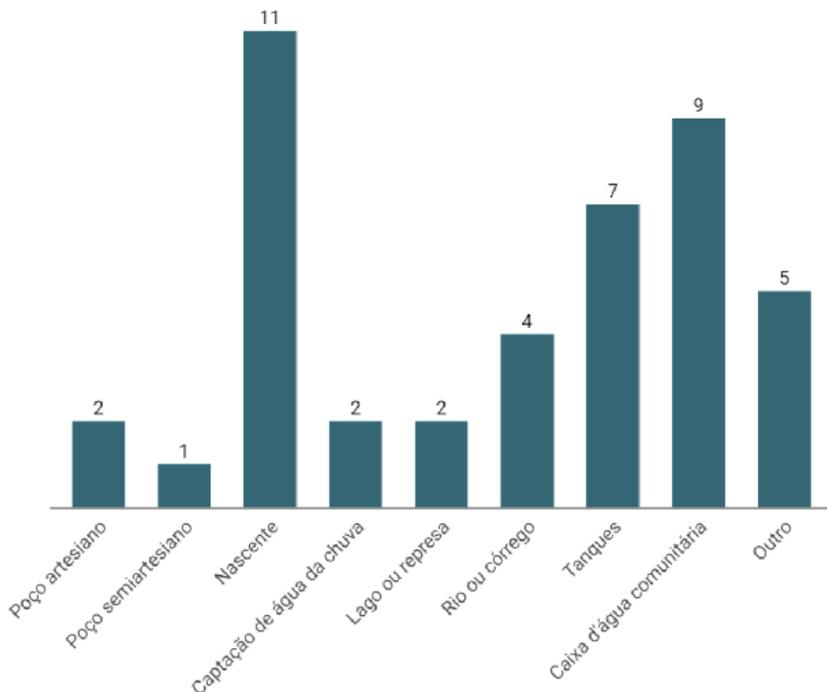


## Infraestrutura de Acesso à Água

Os questionários mostram que é comum a presença de vários sistemas de acesso em uma mesma propriedade, refletindo a busca por diferentes fontes para garantir o abastecimento de água.

-  **Nascente (11 propriedades, 73,3%):** É a fonte de água mais utilizada, o que sugere a dependência de recursos naturais locais.
-  **Caixa d'água comunitária (9 propriedades, 60%):** A segunda infraestrutura mais frequente, indicando estratégias coletivas para armazenamento e distribuição de água.
-  **Tanques (7 propriedades, 46,7%):** O uso de tanques é comum, provavelmente para armazenar água captada de outras fontes, como nascentes ou rios.
-  **Rio ou córrego (4 propriedades, 26,7%):** A utilização de cursos d'água naturais pode refletir proximidade e acessibilidade, mas também apresenta riscos relacionados à sazonalidade ou qualidade da água.
-  **Outros (5 propriedades, 33,3%):** Este grupo engloba alternativas menos usuais ou específicas à realidade local, o que demonstra criatividade ou necessidade de adaptação.
-  **Poço artesiano (2 propriedades, 13,3%) e poço semiartesiano (1 propriedade, 6,7%):** A baixa frequência desses sistemas pode ser atribuída ao custo elevado de implantação ou à abundância de fontes naturais, reduzindo a necessidade de perfuração.
-  **Captação de água da chuva (2 propriedades, 13,3%):** Embora pouco frequente, essa prática evidencia uma preocupação com o uso sustentável dos recursos hídricos.

 **Lago ou represa (2 propriedades, 13,3%):** A utilização dessa infraestrutura pode estar associada à necessidade de grandes volumes de água, como para irrigação ou criação de animais.



A diversidade de infraestruturas nas propriedades expressa as múltiplas estratégias adotadas pelas agricultoras e suas famílias para lidar com as condições ambientais e garantir o abastecimento de água. Em conjunto, os dados revelam uma realidade marcada pela importância da adaptação às condições locais e das infraestruturas coletivas como soluções complementares, indicando a cooperação e o forte vínculo com os recursos naturais disponíveis.

A segurança hídrica é fundamental para garantir a segurança alimentar e nutricional. O acesso à água de qualidade possibilita tanto o trabalho produtivo quanto às atividades reprodutivas, como o preparo dos alimentos, a higiene e o cuidado com a saúde. As mulheres que dispõem de fontes de água adequadas, facilitadas e seguras tendem a ter uma produção mais diversificada, o que contribui diretamente para uma alimentação mais saudável, geração de renda e melhores condições de vida.



A gente participou da caderneta por um ano fazendo essas anotações. Eu acho que foi interessante, até pra gente entender a diversidade. Exemplo, se planta bastante. Nós fazemos entrega para o PNAE, nos mercados, na cidade, eu faço venda particular também. E a gente vendo assim, a gente não tem noção da quantidade de produtos que a gente planta, né?

The notebook is titled 'Caderneta Agrícola' and 'Controle de Produção'. It features a table with columns for 'Consumo', 'Dia', 'Trabalho', and 'Vendas'. The table is divided into three color-coded sections: pink for 'Consumo', yellow for 'Trabalho', and green for 'Vendas'. The table contains handwritten entries in Portuguese, including dates and descriptions of activities or products.

Consumo	Dia	Trabalho	Vendas
10/01	10/01	10/01	10/01
11/01	11/01	11/01	11/01
12/01	12/01	12/01	12/01
13/01	13/01	13/01	13/01
14/01	14/01	14/01	14/01
15/01	15/01	15/01	15/01
16/01	16/01	16/01	16/01
17/01	17/01	17/01	17/01
18/01	18/01	18/01	18/01
19/01	19/01	19/01	19/01
20/01	20/01	20/01	20/01
21/01	21/01	21/01	21/01
22/01	22/01	22/01	22/01
23/01	23/01	23/01	23/01
24/01	24/01	24/01	24/01
25/01	25/01	25/01	25/01
26/01	26/01	26/01	26/01
27/01	27/01	27/01	27/01
28/01	28/01	28/01	28/01
29/01	29/01	29/01	29/01
30/01	30/01	30/01	30/01
31/01	31/01	31/01	31/01

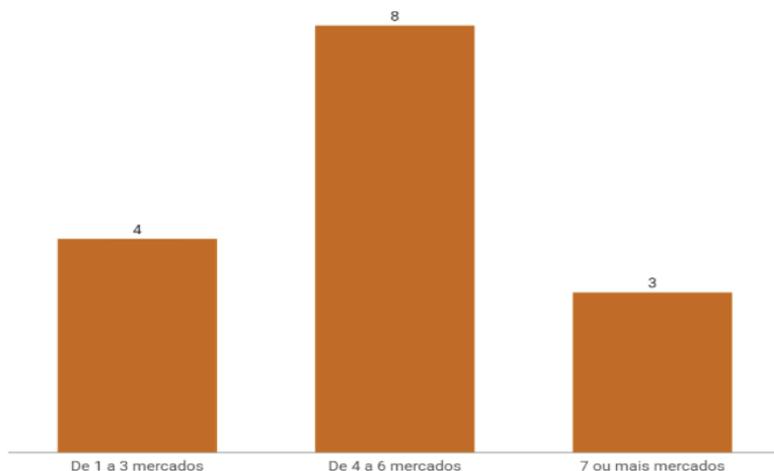
E só fazendo anotação que você começa a olhar pra trás e nossa, eu planto tanta coisa, eu vendo tanta coisa pras pessoas, né? Eu achei que sim, foi muito importante fazer essa pesquisa.”

Sandra Ponijaleki



## Acesso a Mercados

Neste grupo de agricultoras, predomina o **acesso diversificado a mercados de comercialização**, uma vez que 8 agricultoras (53,3%) acessam entre 4 e 6 mercados diferentes. Esse padrão sugere maior resiliência econômica, já que as agricultoras não dependem de apenas uma fonte de renda. Um grupo menor, de 4 agricultoras (26,7%) têm acesso mais restrito a mercados, variando entre 1 e 3. Isso pode indicar barreiras como localização, transporte, ou menor integração em programas institucionais como PAA e PNAE. Por fim, um grupo menor, de 3 agricultoras (20%), apresenta um alto padrão de diversificação, acessando 7 ou mais mercados. Isso pode ser um indicativo de maior rede de contatos, maior produção ou estratégias avançadas de comercialização.



De maneira geral, a diversificação de mercados tende a reduzir riscos econômicos e aumentar a estabilidade financeira das agricultoras, especialmente em contextos de sazonalidade. Agricultoras com acesso restrito podem enfrentar desafios relacionados à logística, volume de produção ou falta de informação sobre oportunidades de mercado. No entanto, embora predomine o acesso diversificado a mercados, esse acesso também representa um aumento significativo da carga de trabalho para as mulheres, pois são elas, majoritariamente, as responsáveis tanto pela produção quanto pela comercialização dos alimentos.

A relação entre o acesso a mercados e a produção diversificada é evidente: quanto mais alternativas de comercialização, maior o incentivo para a diversificação da produção, o que contribui para a segurança alimentar das famílias e geração de renda. Contudo, esse cenário também pode representar uma sobrecarga para as mulheres, que acumulam responsabilidades. Nesse sentido, muitas vezes a modalidade de venda em casa, informada por 10 agricultoras, tende a ser uma alternativa viável diante da necessidade de conciliação deste trabalho com outros – produtivos e reprodutivos. A seguir, apresenta-se a adesão a cada um dos tipos de mercados analisados:

Tipo de mercado	Número de agricultoras que acessam	Porcentagem
Feira convencional	1	6,7%
Feira agroecológica	9	60%
Feira de sementes e da agrobiodiversidade	11	73,3%
Mercadinho local	2	13,3%
Venda em casa	10	66,7%
Venda porta a porta	4	26,7%
Venda na comunidade	4	26,7%
PAA individual	0	0%
PAA coletivo	10	66,7%
PNAE	7	46,7%
Cooperativa	7	46,7%
Associação	4	26,7%
Outro	3	20%

A tabela evidencia a diversidade de canais de comercialização utilizados pelas agricultoras, com um padrão de acesso fortemente relacionado à comercialização direta e à participação em programas institucionais ou coletivos. Algumas características que se destacam são:

### Mercados mais acessados:

A **Feira de Sementes e da Agrobiodiversidade** (11 agricultoras) e a **Venda em Casa** (10 agricultoras) refletem a valorização da produção agroecológica e o contato direto com

consumidoras/es, sem intermediárias/os. A Venda em Casa também reflete o fato de que é possível conciliar este trabalho com outras atividades.

O **PAA Coletivo** (10 agricultoras) também se destaca, sugerindo que a organização em grupos é uma estratégia importante para acessar mercados institucionais.

### **Programas Institucionais:**

A adesão ao **PNAE** (7 agricultoras) e ao **PAA Coletivo** (10 agricultoras) reforça a importância de políticas públicas voltadas à agricultura familiar para promover segurança alimentar e escoamento da produção.

### **Diversificação de estratégias:**

A combinação de vendas diretas (casa, porta a porta, comunidade) e coletivas (cooperativas, associações, PAA coletivo) indica que as agricultoras utilizam múltiplas estratégias para escoar sua produção, o que aumenta a resiliência frente às instabilidades de mercado e garante o acesso à produção agroecológica a um número maior de consumidoras/es. Essa combinação revela, ainda, a diversidade produtiva e de produtos beneficiados, vez que, quanto maior a diversidade, maior a capacidade de acesso a mercados.

Por fim, observa-se que a ausência em certos mercados convencionais e a limitada adesão a redes cooperativas/associativas apontam para oportunidades de políticas públicas e capacitações que promovam a inclusão e ampliem a participação das agricultoras nesses espaços. A baixa inserção deve ser interpretada como reflexo das múltiplas sobrecargas que recaem sobre as mulheres, em que o acúmulo de trabalhos produtivos e reprodutivos tende a limitar sua disponibilidade e participação. Deve ser observada, também, como resultado de processos mais ou menos sutis de exclusão, que se expressam nas regras e nas formas de participação, as quais, muitas vezes, não promovem um espaço democrático em que as mulheres se sintam convidadas a participar; na lo-

gística que envolve a participação nas atividades, como horários, distância e tempo de deslocamento; e na ausência de espaços de cuidados e/ou formativos – como as cirandas – para as crianças sob sua responsabilidade.

Ainda assim, as agricultoras demonstram grande capacidade de organização, articulação e resistência ao criarem e fortalecerem alternativas coletivas e solidárias, que dialogam com suas realidades e com os princípios da agroecologia. Essa força se expressa na participação nas Feiras de Sementes e da Agrobiodiversidade, em feiras agroecológicas e no acesso ao PAA na modalidade coletiva. Esses espaços representam não apenas canais de comercialização, mas também territórios de encontro, troca de saberes e fortalecimento das redes de apoio entre as agricultoras-pesquisadoras, reafirmando seu protagonismo na construção da agroecologia.



“

**A gente participa do Coletivo das Mulheres, tem o grupo lá dentro da nossa comunidade (Assentamento São Joaquim, Teixeira Soares), participamos do Coletivo Triunfo. E eu acho muito importante porque é a partir desses encontros, de estarmos unidas, que uma acaba fortalecendo a outra.”**

**Maria de Fátima Portela**





## Participação em Grupos Produtivos e Redes

Das 15 agricultoras, 9 (60%) participam de grupos produtivos. São 8 grupos diferentes, entre cooperativas, grupos familiares e de mulheres. Em todos os casos, os grupos também compõem a Rede Ecovida de Agroecologia. A adesão de 60% reflete um forte engajamento em iniciativas coletivas, o que é essencial para o fortalecimento da agricultura familiar e agroecológica. Ressalta-se a importância das diferentes formas de organização das mulheres, formais e informais, para o seu fortalecimento político. A falta de apoio estrutural, capacitação específica e acúmulo de atividades são alguns dos motivos que podem, por vezes, representar possíveis riscos na formação e participação em organizações formais. Isso demonstra a necessidade das políticas públicas contemplarem essa diversidade de arranjos.

A maioria dos grupos são informais (5 em 8, ou 62,5%) e não possuem DAP jurídica (7 em 8, ou 87,5%). Nenhum deles possui sede própria e, por isso, as reuniões normalmente ocorrem nas propriedades das participantes. Observa-se, assim, que a informalidade é marcante, o que limita o acesso a políticas públicas e dificulta a obtenção de financiamentos e a ampliação da comercialização em mercados institucionais. A realização de reuniões nas propriedades rurais, em contrapartida, fortalece os vínculos comunitários e a troca de experiências.

Dos 8 grupos, apenas 3 (37,5%) são somente de mulheres. É notável que o espaço de autonomia feminina no contexto produtivo ainda é limitado; contudo, esses grupos podem ser estratégicos para promover a equidade de gênero e fortalecer a participação das mulheres em processos decisórios.

Somente as integrantes de 2 grupos produtivos relataram que o grupo possui produção e comercialização conjunta de produtos. Isso evidencia que a maioria das iniciativas coletivas ainda não alcançou um nível de integração econômica robusto. Os dois grupos citados, um misto e outro feminino, ligados a agroindústrias de produtos vegetais e animais, mostram que há potencial para expandir esse modelo, especialmente com incentivos à formalização e ao associativismo.



## Participação em Espaços de Organização Coletiva

Entre as 15 mulheres agricultoras entrevistadas, **todas estão ativamente engajadas em diversos grupos, organizações e movimentos sociais**, refletindo um alto grau de organização coletiva. Todas as 15 declararam participar de movimento social de mulheres, e 13 de igrejas. Abaixo, estão descritos os grupos mais citados:

- ❁ **Grupo de Mulheres do Coletivo Triunfo:** Aparece em todas as respostas, evidenciando sua importância como espaço de organização e mobilização para as mulheres.
- ❁ **Igreja Católica:** Muitas participantes relatam envolvimento em atividades religiosas, como catequese, e equipe de liturgia.
- ❁ **Rede Ecovida de Agroecologia:** Frequentemente mencionada, vinculada ao Grupo São Francisco de Assis e ao movimento agroecológico. A frequência de menções indica, também, a capacidade da Rede de adequar atividades à realidade das mulheres, possibilitando seu acesso e sua participação.
- ❁ **Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR):** Citado com frequência, com tempos de participação variando de 2 a 20 anos.
- ❁ **Rede Sementes da Agroecologia (ReSA):** Outra rede de destaque nas respostas, voltada à preservação e disseminação de sementes agroecológicas.
- ❁ **Cooperativa da Agricultura Familiar de Palmeira (CAFPAL):** Citada por várias mulheres, algumas em cargos de liderança.

As entrevistadas relataram ocupar posições de liderança e responsabilidade em diversas organizações, como vice-presidente, secretária, coordenadora e tesoureira. Os períodos de participação relatados variam de alguns meses até décadas. Esses dados mostram a relevância do engajamento político e comunitário para as agricultoras, evidenciando seu papel ativo na agroecologia, nos movimentos feministas e nas comunidades religiosas.



Todos os dias nós anotávamos o que era consumido, o que era vendido, o que trocou, o que deu e o valor das coisas. Por exemplo, eu anotava todos os dias o que eu consumia aqui do lado e o valor. No final do mês a gente sabia qual foi e o que se vendeu, o que se consumiu. Todo mês, durante um ano, a gente fez esse trabalho. A caderneta ficava em cima da mesa. Deu uma grande diferença de valor a gente saber quanto que estava consumindo do sítio. Então, a gente não tinha noção do que era, do valor, não valorizava nada do produto.”

Silvia Luciane Horst





## Contribuição Econômica das Agricultoras

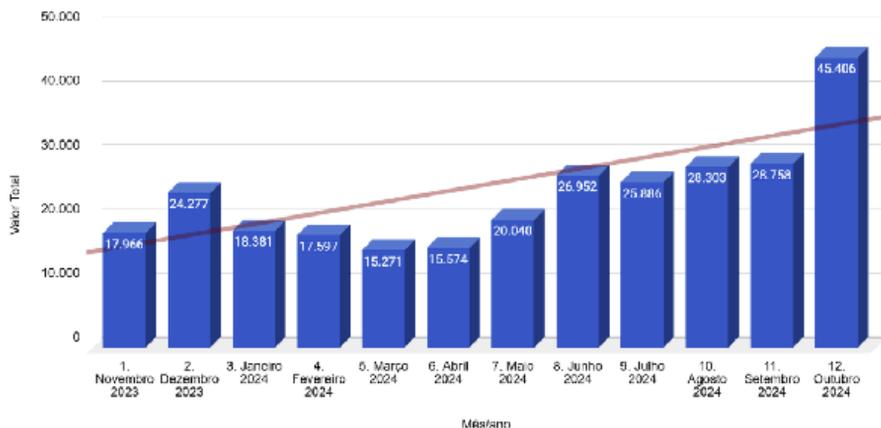
A análise da contribuição econômica das agricultoras, com base nos registros da Caderneta Agroecológica, evidencia a relevância de suas atividades para a economia local e familiar e, também, a diversidade de relações econômicas materializadas a partir de sua produção.

Em 1 ano de anotações, as 15 agricultoras-pesquisadoras produziram o equivalente a R\$284.410, entre novembro de 2023 e outubro de 2024. Isso implica uma média de aproximadamente R\$18.961 anuais por agricultora, entre produtos e serviços vendidos, trocados, doados e consumidos. As médias mensais por agricultora variaram entre aproximadamente R\$1.018 em março de 2024 e R\$3.493 em outubro de 2024:

Valor médio mensal por agricultora



O gráfico a seguir ilustra a variação mês a mês do valor total da produção:



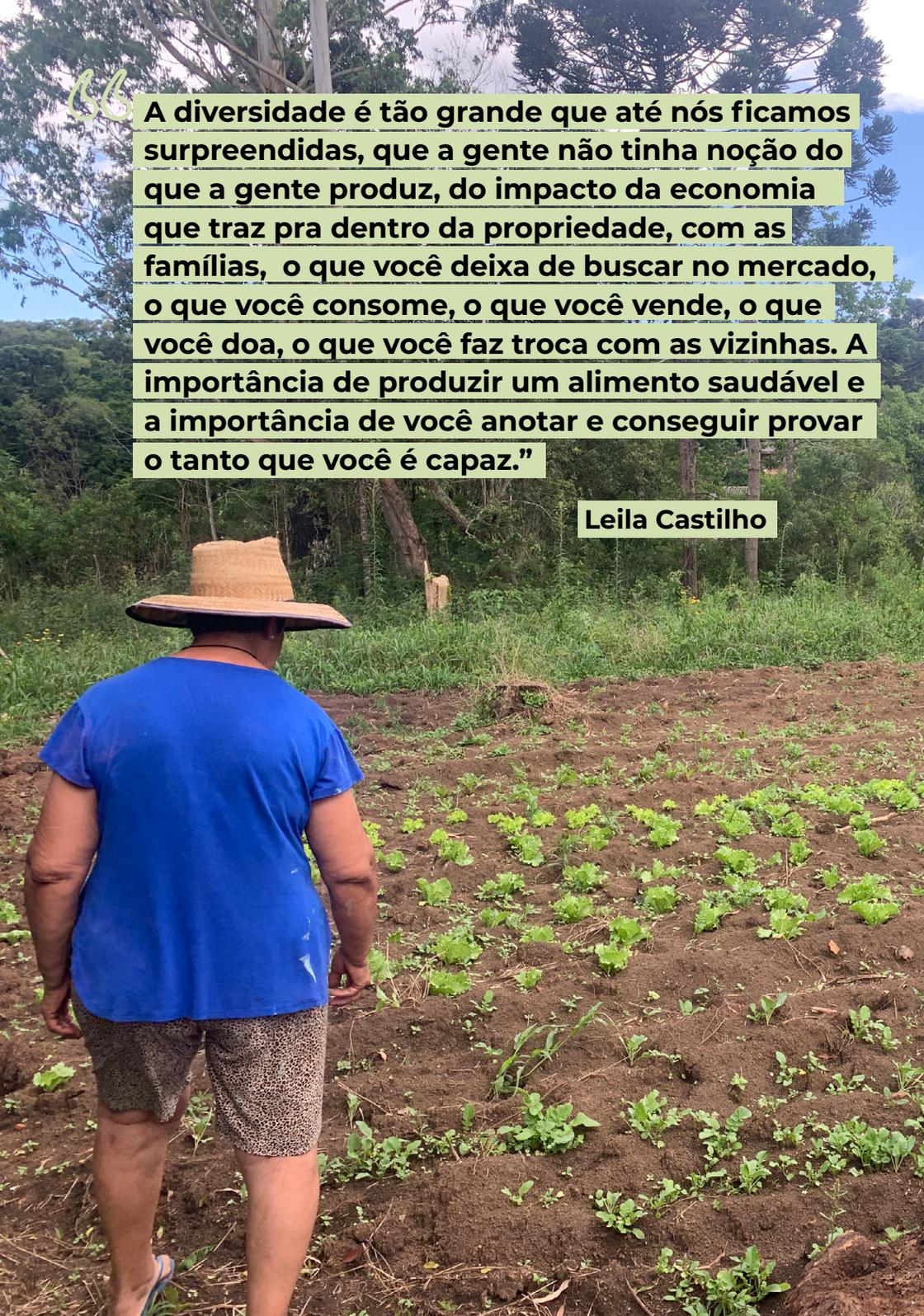
Observa-se uma tendência geral de aumento do valor total reportado, o que pode estar associado, por um lado, à adesão progressiva das agricultoras às anotações na Caderneta Agroecológica, em razão do trabalho de assessoria técnica e da incorporação do hábito de anotar ao longo do tempo. Por outro lado, o aumento do valor produzido pode estar relacionado à sazonalidade, uma vez que certos produtos sazonais possuem maior valor agregado ou são produzidos em maior escala.

De fato, os últimos meses foram marcados por um grande volume de alimentos como repolho, mandioca e morango, assim como de sementes para o PAA (que causou o pico de outubro de 2024), assim como maior volume de registros de diárias de serviços. De toda forma, essa produção média mensal destaca a capacidade das mulheres de produzir valor econômico, mesmo em contextos marcados por desafios estruturais e de mercado.

36

A diversidade é tão grande que até nós ficamos surpreendidas, que a gente não tinha noção do que a gente produz, do impacto da economia que traz pra dentro da propriedade, com as famílias, o que você deixa de buscar no mercado, o que você consome, o que você vende, o que você doa, o que você faz troca com as vizinhas. A importância de produzir um alimento saudável e a importância de você anotar e conseguir provar o tanto que você é capaz.”

Leila Castilho





## Relações Econômicas na Produção e Serviços

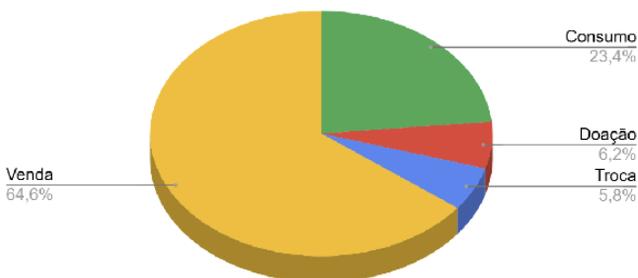
As relações econômicas na produção e nos serviços desempenham um papel crucial na dinâmica de sustento e autonomia das agricultoras familiares. Essas relações podem ser divididas em duas categorias principais: **produção mercantil** e **produção não mercantil**.

A produção mercantil abrange atividades voltadas para a geração de renda monetária, como a venda de produtos e serviços. Já a produção não mercantil inclui relações econômicas que não envolvem troca de dinheiro, como o consumo familiar, as doações e as trocas diretas.

Ambas as formas de produção são essenciais. A mercantil garante recursos financeiros para investir na produção, sustentar famílias e acessar bens e serviços externos. E, a não mercantil, fortalece a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional das famílias, aprofunda laços comunitários, reforça práticas que contribuem para manutenção da agrobiodiversidade e promove a resiliência econômica em contextos onde o acesso ao mercado pode ser limitado. Essas relações, portanto, não apenas refletem a diversidade de estratégias econômicas das agricultoras, mas também evidenciam a integração entre objetivos de sustento imediato e a longo prazo, além de visibilizar a importância de seus trabalhos (produtivos, reprodutivos e de cuidados) para a sustentabilidade da vida.

Desmembrando o valor total de produtos e serviços por relação econômica, tem-se que:

Valor total por relação econômica



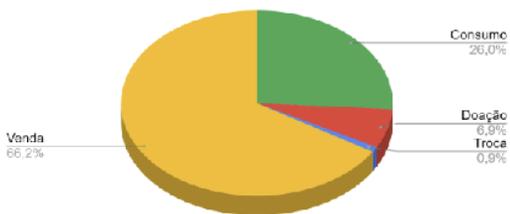
A venda é a principal relação econômica em termos de valor monetário, representando 64,6% da produção total, ou R\$183.778. Ela é seguida pelo consumo, que representa quase um quarto do valor total, ou R\$66.668. Por fim, doação e troca equivalem, respectivamente a 6,2% e 5,8%, totalizando R\$17.539 e R\$16.425.

Essa relação econômica evidencia a inserção das agricultoras em mercados locais e institucionais, reforçando a importância de iniciativas como feiras agroecológicas e programas como o PNAE e o PAA. **Por sua vez, o consumo próprio, que equivale a R\$66.668, revela o papel estratégico da produção das mulheres no fortalecimento da segurança alimentar das agricultoras e suas famílias.** Além de reduzir despesas domésticas, o consumo de alimentos agroecológicos promove a saúde e o bem-estar, reforçando a sustentabilidade de seus quintais produtivos. A segurança alimentar e nutricional está fortemente conectada ao trabalho das mulheres.

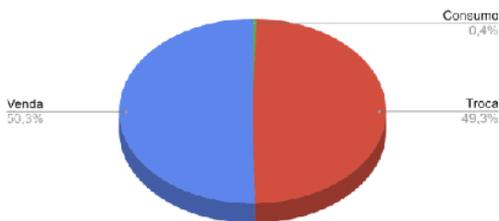
Embora menos visíveis nos indicadores financeiros, as dimensões de doação e troca têm impactos sociais e econômicos significativos, como redução de despesas e fortalecimento das redes comunitárias. Por serem parte da cultura comunitária da agricultura familiar camponesa, muitas mulheres apresentam dificuldades de anotar as relações de troca e doação. Destaca-se que não é objetivo monetarizar ou mercantilizar essas relações, mas, sim, visibilizar o trabalho de cuidado das mulheres, fortalecendo os tecidos sociais, laços de amizade e solidariedade.

No montante total, os produtos equivalem a R\$255.816 (89,9% do total), enquanto os serviços compõem R\$28.594 (10,1% do total). Ao desmembrar o valor monetário total entre produtos e serviços, surgem diferenças significativas na dinâmica econômica das agricultoras conforme o tipo de bem ou atividade:

Valor total por relação econômica: somente produtos



Valor total por relação econômica: somente serviços

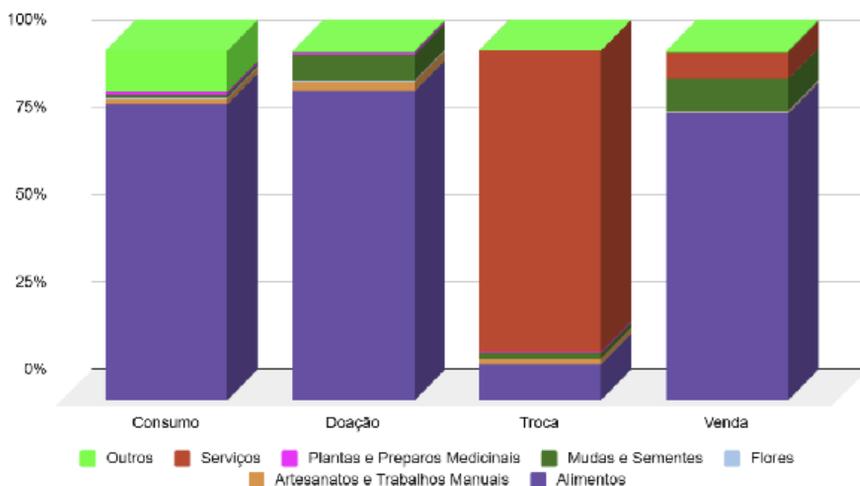


É notável que, ao separar produtos e serviços, no lado dos produtos a venda passa a representar um percentual ainda maior do valor monetário, de 64,6% para 66,2% – um aumento de 1,6 pontos percentuais; assim como o consumo, que aumenta de 23,4% para 26%, representando um incremento de 2,6 pontos percentuais. Por sua vez, a troca cai de 5,8% para 0,9%, uma redução de 4,9 pontos percentuais. Ou seja, entre os bens produzidos, é baixa a prevalência da troca. O inverso ocorre no lado dos serviços, onde a troca passa a representar 49,3% do valor de serviços ofertados, em contraste com os 5,8% do valor global. Isso implica um aumento de 43,5 pontos percentuais.

A alta taxa de troca nos serviços reforça a importância das redes comunitárias e da reciprocidade como forma de suprir necessidades locais, destacando o valor social do trabalho das agricultoras além da geração de renda direta.

Ao desagregar os produtos para categorias menores, denominadas “grupos de produtos”, é possível observar outros padrões. Para essa análise, os itens foram classificados em alimentos, artesanatos e trabalhos manuais, flores, mudas e sementes, plantas e preparados medicinais, serviços e outros. Assim:

Distribuição dos grupos de produtos por relação econômica



O gráfico apresenta a **distribuição dos produtos e serviços** produzidos pelas agricultoras em diferentes relações econômicas: consumo, doação, troca e venda (da esquerda para a direita). A proporção de cada cor dentro das barras representa a participação de cada grupo de produto ou serviço no total daquela relação econômica.

De forma geral, **alimentos** se destacam como o grupo mais significativo em termos de volume monetário, sendo expressivos no consumo, na doação e na venda. Já os **serviços** representam uma parcela considerável das trocas, descritas como “diárias de serviços”.

Ao analisar as categorias, excluindo-se os alimentos (que serão analisados a seguir) nota-se que:

**Consumo** inclui uma participação relevante dos produtos classificados como “outros”, que abrangem itens como lenha, biofertilizantes, cinzas e húmus de minhoca.

**Doação** e venda têm destaque para mudas e sementes, com diferenças notáveis entre os municípios. Por exemplo:

- 🌱 Em **Palmeira**, prevalecem mudas de cebola e sementes de ervilha e fava.
- 🌱 Em **Rio Azul**, predomina a rama de mandioca.
- 🌱 Em **Teixeira Soares**, sementes do programa PAA têm destaque, além de mudas de mandioca e banana.

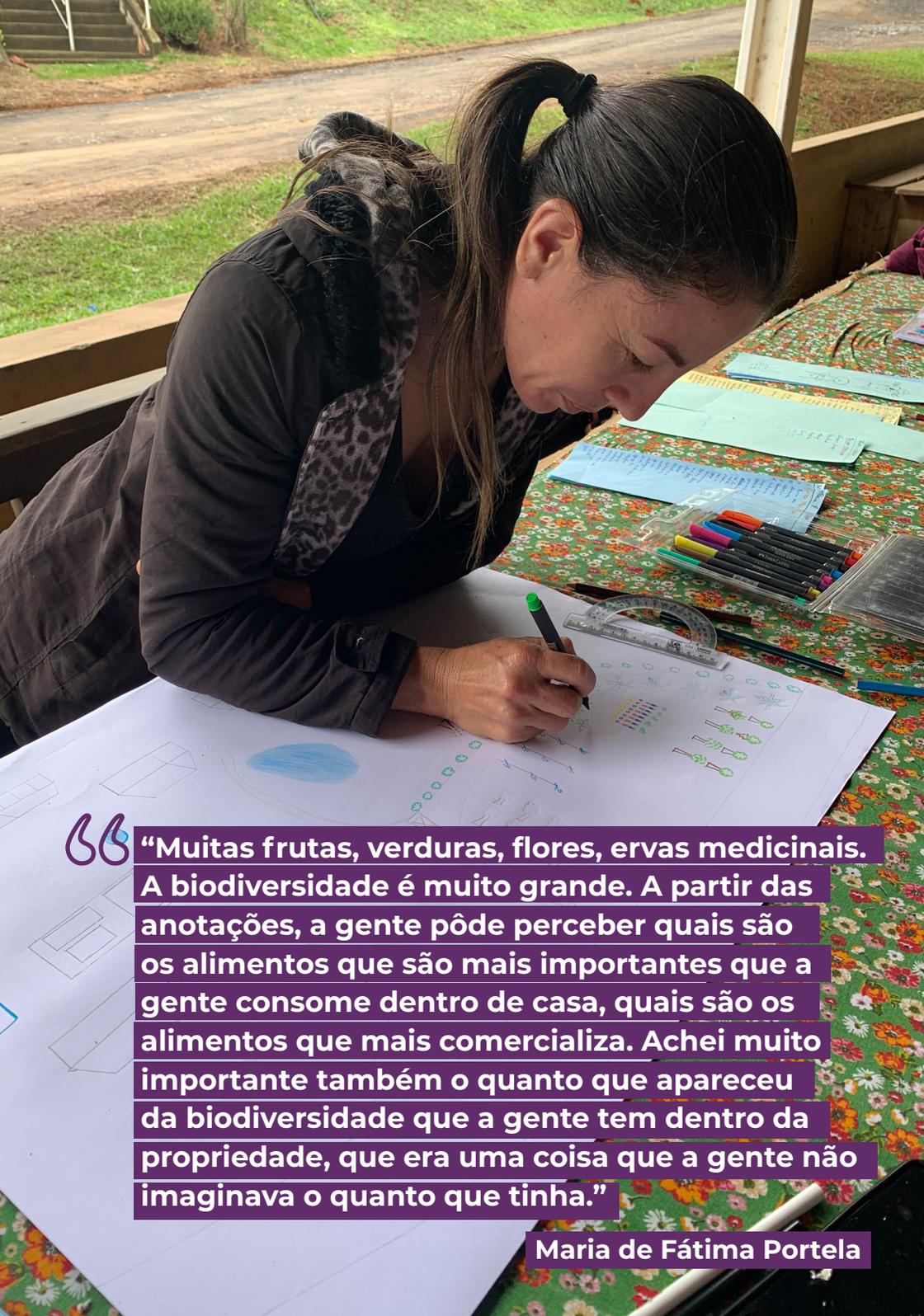
Essa prática não apenas reflete a dinâmica produtiva local, mas também contribui significativamente para a **manutenção da socioagrobiodiversidade**. A troca e a circulação de mudas e sementes entre agricultoras e comunidades preservam variedades tradicionais, fortalecem a resiliência dos sistemas produtivos e promovem a adaptação a condições climáticas e ambientais locais. Dentre os três municípios, foram 135 anotações de mudas e sementes de diversas espécies e variedades, principalmente de favas, feijões, hortaliças, árvores nativas e frutíferas.

Além disso, garantem a continuidade de conhecimentos agroecológicos ancestrais, essenciais para a sustentabilidade e a autonomia das agricultoras. Ao priorizar espécies e variedades adaptadas

ao contexto regional, essas práticas fortalecem a biodiversidade agrícola e os laços sociais, fundamentais para a segurança alimentar e a valorização cultural.

Outros grupos de produtos, como **plantas e preparos medicinais, flores e artesanatos e trabalhos manuais**, aparecem em menor proporção no gráfico, mas não deixam de ter importância na economia das agricultoras: eles contribuem para a diversificação da produção. Foram anotadas mais de 100 espécies de plantas e preparos medicinais, demonstrando a sua importância no cuidado com a saúde coletiva das famílias e comunidades. As flores tiveram 24 anotações, normalmente utilizadas em momentos festivos, como a ornamentação da igreja. Já os artesanatos e trabalhos manuais foram registrados 161 vezes pelas agricultoras, muito relacionados às relações de doação e troca.





**“Muitas frutas, verduras, flores, ervas medicinais. A biodiversidade é muito grande. A partir das anotações, a gente pôde perceber quais são os alimentos que são mais importantes que a gente consome dentro de casa, quais são os alimentos que mais comercializa. Achei muito importante também o quanto que apareceu da biodiversidade que a gente tem dentro da propriedade, que era uma coisa que a gente não imaginava o quanto que tinha.”**

**Maria de Fátima Portela**

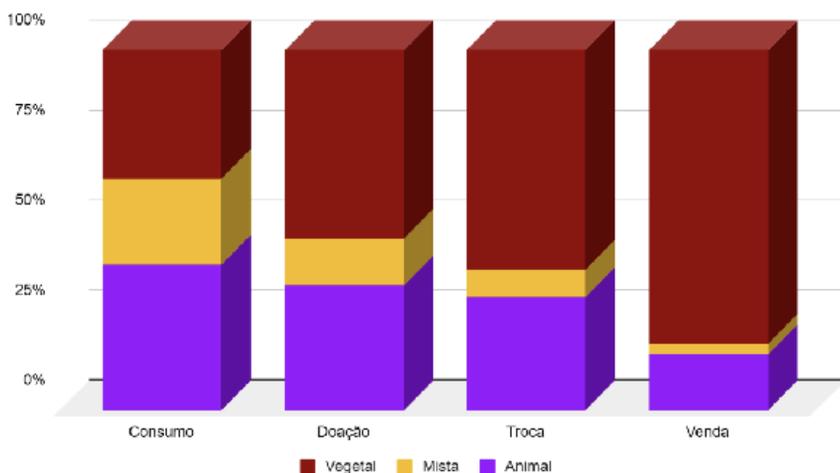


## Produção de Alimentos

A produção de alimentos constitui a principal atividade das agricultoras pesquisadoras, representando a base de suas relações econômicas e o sustento de suas famílias e comunidades. Esse aspecto é especialmente relevante no contexto da agroecologia e da agricultura familiar, em que a diversidade produtiva e o manejo sustentável são fundamentais para garantir segurança alimentar e geração de renda. Aqui, serão analisados os principais grupos de alimentos produzidos, suas destinações – consumo, venda, troca e doação – e a relação dessas práticas com as dinâmicas locais de abastecimento. A análise também busca destacar a importância da produção de alimentos no fortalecimento da autonomia das agricultoras e na construção de sistemas alimentares mais saudáveis, justos e solidários.

O gráfico a seguir apresenta a distribuição da origem dos alimentos (vegetal, animal e mista) em cada uma das quatro relações econômicas analisadas. Os alimentos foram categorizados de acordo com o Guia Alimentar para a População Brasileira, do Ministério da Saúde:

Distribuição da origem dos alimentos por relação econômica



Os alimentos de origem vegetal predominam em todas as relações econômicas, com exceção do consumo, representando a

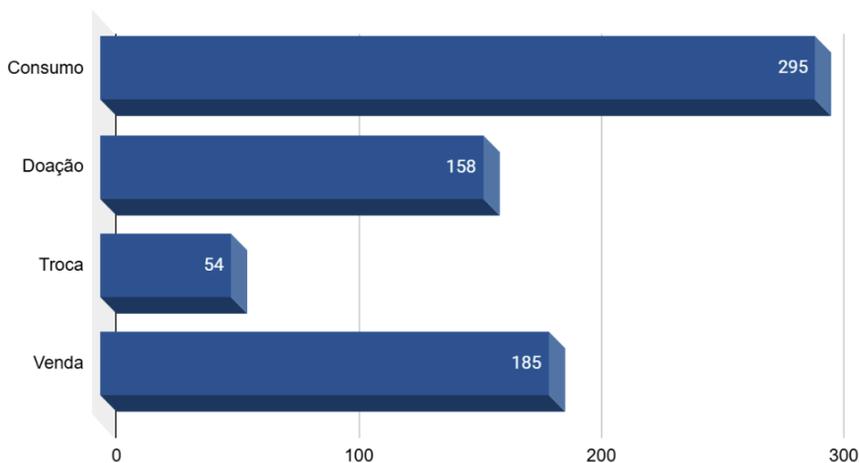
maior parte do volume monetário. Essa predominância reflete a base produtiva das agricultoras, que está fortemente orientada para culturas vegetais como hortaliças, frutas, grãos e tubérculos.

Os alimentos de origem animal, embora em menor proporção, são significativos, especialmente no consumo, evidenciando o papel da produção animal na dieta das famílias. Já os produtos de origem mista – alimentos que combinam ingredientes vegetais e animais, como bolos, salgados e alimentos minimamente processados em geral – aparecem com maior destaque no consumo e na doação, indicando que essas categorias possuem maior importância nas relações econômicas que envolvem o sustento das famílias e da comunidade, fomentando a segurança alimentar local.

A venda de alimentos de origem animal e mista, embora em menor proporção do valor monetário dessa modalidade, pode indicar oportunidades de diversificação e agregação de valor.

Ainda sobre diversificação, o gráfico ilustra a diversidade de alimentos produzida pelas agricultoras:

### Diversidade de alimentos



É interessante notar que a maior diversificação ocorre na dimensão do autoconsumo, com 295 produtos alimentares diferentes. Isso demonstra a contribuição das agricultoras para a **Soberania**

**e Segurança Alimentar e Nutricional** das famílias, oferecendo uma alimentação ampla e diversificada, que provavelmente não poderia se reproduzir em um contexto onde os alimentos fossem comprados.

A ampla diversidade de alimentos observada em todas as relações econômicas é um reflexo da prática agroecológica adotada pelas agricultoras, que valoriza a diversificação produtiva como estratégia para a segurança alimentar, para a sustentabilidade da produção e da geração de renda. Além disso, a variedade de produtos permite a adaptação a diferentes condições de mercado, bem como o fortalecimento da autonomia das agricultoras e a valorização dos saberes locais.

A seguir, estão representados os 10 principais alimentos consumidos, doados, trocados e vendidos, de acordo com o valor total associado à sua produção:

CONSUMO		DOAÇÃO		TROCA		VENDA	
Produto	Valor (R\$)	Produto	Valor (R\$)	Produto	Valor (R\$)	Produto	Valor (R\$)
Pão	4.183	Queijo	1.125	Feijão	197	Morango	20.722
Leite	2.669	Leite	850	Carne Bovina	150	Mandioca	13.380
Pão Caseiro	2.541	Feijão	787	Pinhão	103	Repolho	12.241
Mandioca	2.296	Pão	591	Esfiha	80	Alface	9.660
Carne Bovina	2.013	Banana	577	Queijo caseiro	70	Queijo	8.310
Carne	1.694	Maracujá	482	Banha	60	Batata Inglesa	7.450
Carne Suína	1.644	Alface	474	Arroz	60	Pêssego	6.175
Porco	1.550	Ovo	461	Paleta de porco	50	Cenoura	5.595
Frango Caipira	1.493	Leitão	450	Frango Caipira	50	Batata Doce	4.403

Os produtos mais consumidos, doados e trocados (dimensão não mercantil da economia) estão mais ligados a itens básicos e alimentos diários como pão, leite, queijo e feijão. Por outro lado, a venda é indicativa da forte demanda por produtos vegetais como o morango, a mandioca e o repolho.

Entre os alimentos, também há uma considerável variabilidade de produtos entre municípios. Na dimensão dos **alimentos de origem vegetal**, em Palmeira prevalecem o morango, a mandioca e dife-

rentes tipos de batata. Em Rio Azul, destacam-se hortaliças, como o alface, o repolho e o brócolis. Por fim, em Teixeira Soares o repolho também tem destaque, bem como o pêsego e a cenoura. Abaixo, são apresentados 10 dos alimentos anotados para cada município.

PALMEIRA			RIO AZUL			TEIXEIRA SOARES		
Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações
Morango	20.669	32	Alface	4.876	207	Repolho	9.479	122
Mandioca	11.639	37	Repolho	2.688	142	Pêssego	6.654	25
Batata Inglesa	7.670	26	Brócolis	847	56	Cenoura	5.620	101
Batata Salsa	3.618	18	Acelga	740	32	Alface	4.864	142
Morango congelado	2.912	25	Salsinha	728	51	Mandioca	3.992	106
Alface	1.417	52	Laranja	697	21	Batata Doce	3.844	76
Batata Doce	1.080,6	29	Tomate	580	24	Feijão	3.584	152
Repolho	1.023	19	Couve			Couve flor	3.349	63
Vagem	972	13	Manteiga	548	41	Brócolis	2.473	45
Polpa de Uva	816	32	Couve flor	467	24	Banana	2.078	91
			Batata Doce	460	36			

Entre os **alimentos de origem animal**, a variabilidade entre municípios é menor, mesmo porque é menor a diversidade desse tipo de alimento. Abaixo, são apresentados 10 dos alimentos de origem animal anotados para cada município:

PALMEIRA			RIO AZUL			TEIXEIRA SOARES		
Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações
Carne de lata	2.850	4	Ovo	1.883	94	Queijo	10.297	158
Carne Bovina	2.805	32	Carne Suína	1.702	57	Leite	2.151	203
Carne	2.762	23	Leite	911	115	Porco	1.550	3
Leite	2.369	135	Banha	872	29	Queijo caseiro	1.105	11
Torresmo	1.088	21	Ovo Caipira	852	35	Carne de Carneiro	1.000	3
Frango Caipira	935	16	Leitão			Ovo	915	76
Banha	770	27	Pururuca	750	2	Nata	703	47
Carne de Porco na lata	640	12	Mel	539	13	Ovos	650	45
Ovo	477	55	Carne Bovina	488	11	Frango Caipira	590	14
Peixe Tilápia	415	2	Leitão	450	1	Carne Suína	499	9
			Queijo	353	13			

Ainda assim, nota-se alguma diferenciação: há uma produção de alto valor agregado de carne de lata específica de Palmeira, e uma produção volumosa de queijo em Teixeira Soares. Em Rio Azul, os ovos têm destaque especial. De maneira geral, em todos os municípios há uma produção significativa de leite e derivados, bem como de diferentes tipos de carne, em especial a bovina e a suína.

Ao examinar os **alimentos mistos**, dos quais 10 serão apresentados abaixo, nota-se que estes envolvem algum tipo de **beneficiamento**, ou seja, de horas extras de trabalho para sua produção:

PALMEIRA			RIO AZUL			TEIXEIRA SOARES		
Produto	Valor (RS)	Anotações	Produto	Valor (RS)	Anotações	Produto	Valor (RS)	Anotações
Pão	2.568	74	Pão	1.040	38	Cocada	1.940	11
Pão Caseiro	1.593	36	Pão Caseiro	458	13	Bolacha Caseira	1.923	34
Bolo	947	29	Broa	303	13	Pão	1.374	70
Cuca	445	8	Cuca	276	21	Pão Caseiro	903	42
Pão Integral	375	2	Bolo Recheado	210	2	Bolo	460	16
Pudim de Mandioca	330	13	Bolacha Caseira	165	5	Cuca	385	14
Torta de Requeijão	234	6	Broa de Centeio	100	3	Pastel	200	1
Esfiha	214	6	Bolo de Fubá	76	6	Bolo de Fubá	170	9
Bolacha Caseira	169	6	Torta de Requeijão	50	4	Torta	130	3
Torta de Banana	130	5	Pãozinho	47	2	Cueca virada	125	2



# Receita

## Sabão de Cinza

por Silvia Luciane Horst

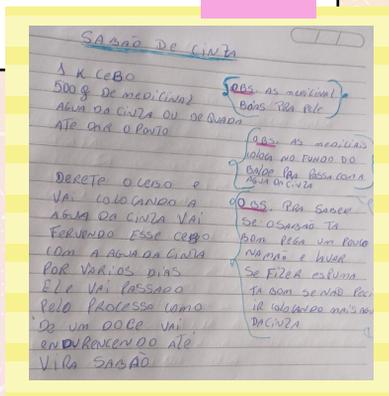
### Ingredientes:

- 1 kg sebo;
- 500 g de ervas medicinais (as boas para pele);
- Água de cinza até dar o ponto.

### Modo de preparo:

Derreta o sebo e vá colocando, aos poucos, a água da cinza. Ferva o sebo com a água da cinza por vários dias. Ele vai passando pelo processo como de um doce, vai endurecendo até virar sabão.

**Observação:** as medicinais, coloque no fundo do balde, para passar com a água da cinza. Para saber se o sabão está bom, pegue um pouco, com a mão, e lave. Se fizer espuma, está bom; se não fizer espuma, é preciso ir colocando mais água da cinza.





## Produção de Itens Não Alimentícios

A produção de itens não alimentícios tem grande relevância tanto para a geração de renda quanto para a preservação de práticas culturais e de bem-estar. Entre eles, destacam-se:

**Artesanatos e Trabalhos Manuais:** Englobam produtos feitos à mão, como bordados, cerâmicas e acessórios, que são uma importante fonte de renda e identidade cultural.

**Flores:** Cultivadas para ornamentação, paisagismo e uso terapêutico, essas plantas têm valor comercial e são um recurso sustentável.

**Plantas e Preparos Medicinais:** O uso de plantas para tratamentos caseiros é uma prática tradicional que contribui para a saúde local, especialmente em áreas com acesso limitado a serviços médicos.

Esta seção explora como essas atividades impactam a economia local e contribuem para o fortalecimento social e cultural das comunidades. O foco aqui não está nos valores monetários, mas sim na visibilização das práticas tradicionais e na sua manutenção por meio das agricultoras. Os produtos estão separados por município, para visibilizar as especificidades de cada localidade.

Em relação a **plantas e preparos medicinais**, dos quais 10 serão apresentados abaixo para cada município, observou-se uma diversidade significativa entre os municípios, com variações nos produtos encontrados, na forma de produção e no número de anotações (reproduzidos aqui parcialmente). A diferença reforça a importância do conhecimento local, dos saberes e práticas ancestrais de cuidados com a saúde mantidas e passadas pelas mulheres através de gerações, fundamentais para autonomia das famílias.

PALMEIRA			RIO AZUL			TEIXEIRA SOARES		
Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações
Orelha de Padre	76	17	Camomila	23	5	Sabonete de Calêndula	30	4
Escalda Pés	74	4	Chá de Capim Limão	9	5	Penicilina	18	3
Chá de Camomila	30	4	Chá de Boldo	8	4	Erva Mate	18	1
Capim Limão	29	11	Erva Doce	6	2	Chá de Hortelã	13	4
Eno caseiro	20,5	6	Chá de Camomila	6	3	Chá de Folha de Chuchu	10	2
Capim de chá	20	1	Boldo	6	2	Chá de Camélia	10	1
Boldo	19	11	Tansagem	4	1	Remédio Caseiro	9	1
Louro	18	4	Babosa	4	1	Melissa	9	2
Xarope	10	1	Melissa	3	1	Chá de Manjerona	9	2
Melissa	10	8	Malva	3	1	Chá de Tansagem	8,5	3

O maior número de anotações foi de 17, referente à planta **Orelha de Padre** em Palmeira, indicando sua relevância no município, seja pelo uso, popularidade ou diversidade de registros. A maior parte dos itens registrados aparece em sua forma ***in natura*** ou como **chás**, o que reflete práticas tradicionais e acessíveis de consumo e preparo. Produtos diferenciados também foram identificados, como o **Sabonete de Calêndula**, que se destacou em Teixeira Soares por agregar maior valor.

Vale destacar que, globalmente, foram registrados 66 tipos de plantas e preparos medicinais, evidenciando a riqueza e a importância dessas práticas tradicionais e econômicas.

Ao analisar os **artesanatos e trabalhos manuais**, foi encontrada uma menor diversidade de itens, reproduzidos na sua totalidade a seguir:

PALMEIRA			RIO AZUL			TEIXEIRA SOARES		
Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações
Sabão	794	50	Buquê de Flores	70	4	Sabão	449	38
Sabão caseiro	255	9	Sabão	62	9	Sabão Líquido	180	6
Sabão de Sebo	163,4	11	Sabão caseiro	30	4	Vassoura	100	1
Sabão Líquido	138	12	<b>Total geral</b>	<b>162</b>	<b>17</b>	Buquê de Flores	30	2
Vaso de Flores	71	5				Sabão caseiro	5	1
Arranjo de Flor	68	4				<b>Total geral</b>	<b>764</b>	<b>48</b>
Vaso de Planta	30	1						
Bucha Vegetal	16	2						
Pasta de sabão	10	1						
Buquê de Rosas	3	1						
<b>Total geral</b>	<b>1.548</b>	<b>96</b>						

A análise mostra que Palmeira se destaca com o maior número de anotações (96), principalmente pela produção de diferentes tipos de sabão, como sabão caseiro, de sebo e líquido, indicando forte tradição e diversificação nessa categoria. Rio Azul apresenta menor diversidade, com destaque para buquês de flores e sabão, totalizando 17 anotações. Já em Teixeira Soares, as 48 anotações refletem principalmente uma combinação de sabão, sabão líquido e vassouras. Esses dados evidenciam as práticas sustentáveis das agricultoras, transformando resíduos em sabão, além de configurar uma economia no orçamento e uma possível fonte de renda.

Embora menos expressiva, a produção de flores também traz sua contribuição para a economia local. Essa produção foi registrada apenas nos municípios de Palmeira e Teixeira Soares:

PALMEIRA			TEIXEIRA SOARES		
Produto	Valor (R\$)	Anotações	Produto	Valor (R\$)	Anotações
Folhagem	135	4	Lavanda	20,5	4
Vaso de Samambaia	50	1	Rosas	10	1
Alamandra	20	1	Suculenta	5	1
Flor 11 horas	12	2	Rosa Vermelha	5	1
Lavanda	11	4	Margaridão	3	1
Palmeirinha	10	1	<b>Total geral</b>	<b>43,5</b>	<b>8</b>
Girassol	5	2			
Rosas	3	1			
<b>Total geral</b>	<b>246</b>	<b>16</b>			

Nota-se que foram registradas não apenas flores, mas também folhagens e plantas, como samambaias e suculentas. Entre as flores, destacam-se flores como a **Alamandra** e a **11 horas** em Palmeira, e a **Lavanda** e as **Rosas** em Teixeira Soares.



# Receita

## **Bolacha de Melado**

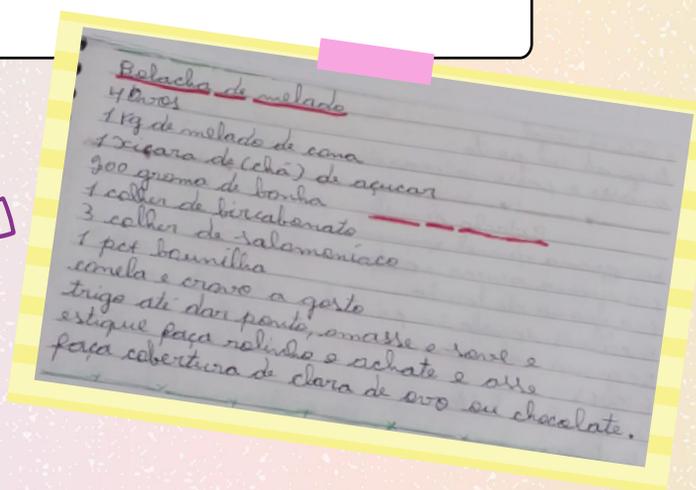
*por Roseli Maria Oliveira*

### **Ingredientes:**

4 ovos;  
1 kg de melado de cana;  
1 xícara (de chá) de açúcar;  
200 g de banha;  
1 colher de bicarbonato;  
1 colher de sal amoníaco;  
1 pacote de baunilha;  
Canela e cravo a gosto.  
Trigo até dar ponto.

### **Modo de preparo:**

Bata os ovos, no liquidificador ou na batedeira, adicionando o açúcar, o melado e a banha. Em seguida, despeje em uma bacia e acrescente a baunilha, o bicarbonato, o sal amoníaco, o cravo e a canela. Mexa com colher de pau, acrescente o trigo, até dar o ponto, amasse e sove. Faça o formato de sua preferência e leve ao forno para assar. Se quiser, faça cobertura de clara de ovo ou chocolate.





## Mapa da Sociobiodiversidade: retrato vivo de histórias e sonhos!

Construir um mapa é muito mais do que delimitar espaços, traçar linhas e medir escalas. No cenário da sociobiodiversidade, o ato de construir o mapa da sua propriedade se transforma em um exercício de pertencimento e reconhecimento. Assim, as pesquisadoras foram desafiadas, nessa construção, a voltar no tempo de escola, pegando lápis de cor, canetinha e régua e, junto com as outras mulheres, fazerem o seu próprio mapa da sociobiodiversidade.

Elas iniciaram com receio, mas uma foi encorajando a outra e, com muita alegria e criatividade, soltaram a mão. Colocaram no papel a sua perspectiva sobre o espaço onde moram e do qual cuidam diariamente: o quintal, o jardim, o piquete das criações, os tanques, as árvores e as roças. A cada espaço, ia se revelando uma riqueza muitas vezes invisibilizada. Uma diversidade produtiva de cores, cheiros e sabores que sustentam o gosto por permanecer na propriedade.





Durante a construção dos mapas, algo muito além da geografia física foi revelado: a geografia do trabalho, marcada por uma divisão de tarefas alicerçada em relações de gênero. Ao desenharem os espaços da propriedade, as agricultoras foram convidadas a refletir: “Em quais áreas eu trabalho mais? E em quais meu companheiro trabalha?”.

Essa pergunta provocou uma reflexão sobre o papel das mulheres e a divisão sexual do trabalho nos lares da agricultura familiar. A cada espaço desenhado no mapa, elas se colocaram como atuantes ou responsáveis pelo trabalho, como também colocaram seus companheiros. Para a surpresa de muitas, na maioria dos mapas, as mulheres são as maiores responsáveis pelo trabalho nas propriedades, validando a sua identidade, muitas vezes silenciada, de agricultora familiar, e não só como dona de casa ou ajudante do seu marido. Em contrapartida, os maridos foram associados aos espaços de maior visibilidade e valor econômico: a lavoura, o piquete das criações e a venda da produção. A metodologia evidencia o trabalho produtivo e reprodutivo desempenhado pelas mulheres, em uma jornada duas ou até três vezes maior que a dos homens.

Essa dinâmica demonstrou que a divisão do trabalho não é apenas uma questão de “quem faz o quê”, mas também de reconhe-

cimento, valorização e poder. O trabalho das mulheres, embora essencial, é muitas vezes naturalizado como “ajuda” ou “extensão das tarefas domésticas”. Quando, na verdade, é estratégico e fundamental para a soberania e segurança alimentar e nutricional da família e da comunidade.

Junto com o mapa, foi feito o levantamento das espécies existentes nas propriedades. Com o papel na mão, elas percorriam a propriedade tentando lembrar de tudo que tinham na horta, quintal, pomar, sem deixar passar nada, pois cada elemento tem sua história e sua importância. Dentre as diferentes categorias de alimentos e produtos, foram anotadas 1.994 linhas, representando a diversidade presente nos mapas das mulheres. É importante ressaltar que o levantamento revelou que há uma maior diversidade de alimentos e produtos utilizados para consumo familiar e relações de reciprocidade – como doação e troca – como Plantas Alimentícias Não Colonizadas (PANC) e insumos naturais, como biofertilizantes. E, também, que as anotações evidenciam a cultura alimentar da região, adicionando, no sistema web das Cadernetas Agroecológicas, 71 novos alimentos, 09 espécies de plantas medicinais, 25 espécies e variedades de sementes, mudas e flores, além de 12 inserções em trabalhos manuais e artesanatos.

Parecia ser uma tarefa simples, mas ao final, foi um mundo de descobertas: “Eu nem imaginava que tinha tanta coisa assim aqui em casa!”. Foram muitas espécies e variedades identificadas: flores, plantas medicinais, árvores, criações, frutíferas, tubérculos, legumes e verduras, um arsenal de vida e de biodiversidade. Para muitas, foi, também, um incentivo para trocar sementes, conseguir mais mudas e diversificar ainda mais suas propriedades.

## COLHEITAS

Os dados do Projeto Quintal-Semente: mulheres, autonomia e produção evidenciam o papel fundamental das agricultoras no fortalecimento da economia familiar e local, na promoção da Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional (SSAN), na preservação da socioagrobiodiversidade, na construção e manutenção dos tecidos sociais dos territórios e na preservação da vida. A análise de um ano de registros da Caderneta Agroecológica demonstra como as práticas agroecológicas, conjugadas ao trabalho produtivo e reprodutivo das mulheres, sustentam tanto suas famílias quanto suas comunidades. Evidencia, também, uma série de sobrecargas e desigualdades, econômicas e sociais, que precisam estar no conjunto de ações das assessorias técnicas e nas políticas públicas para que sejam superadas.

A contribuição econômica das agricultoras, que alcançou um valor médio anual de R\$18.961 por participante, reflete sua capacidade de geração de renda e diversificação produtiva, mesmo considerando a subnotificação da produção. É necessário ressaltar que essa contribuição expressiva está imersa em contextos de desigualdades de gênero, que se refletem no acúmulo de tarefas e limitação concreta no acesso a canais de comercialização e participação social. Maior diversidade de produtos indica maior capacidade de acesso a mercados, mas isso deve se somar ao fato de que também indica maior sobrecarga de trabalhos, se considerado todo o percurso que envolve produzir e comercializar somado às demais atividades atribuídas às mulheres.

Iniciativas como a Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico e políticas públicas que considerem a realidade das agricultoras familiares emergem como necessárias à superação dessas desigualdades. A pesquisa visibiliza a produção das mulheres, apontando para a necessidade de expansão das políticas públicas e iniciativas de capacitação que promovam a inclusão das agricultoras em mercados institucionais e coletivos e estimulem sua formalização, gerando maior autonomia.

Os alimentos, cultivados de forma agroecológica, garantem a qua-

lidade nutricional e a economia familiar, ao reduzir despesas e promover o bem-estar e a saúde familiar. De maneira igualmente importante, a predominância de produtos vegetais e a ampla diversidade de alimentos consumidos, doados, trocados e vendidos reforçam a centralidade de suas atividades para a Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional e para a manutenção dos vínculos de solidariedade e reciprocidade que alimentam o tecido social. Reforçam, ainda, o protagonismo das mulheres no cuidado com os solos e o meio ambiente, por meio de práticas orientadas pela promoção da vida, princípio central da agroecologia. Essa atuação cotidiana e muitas vezes invisibilizada sustenta não apenas a economia local, mas também as relações de cuidado, confiança e cooperação, fundamentais para a construção de territórios mais justos.

Os dados também confirmam que as mulheres são as guardiãs da agrobiodiversidade, mantendo e preservando práticas e variedades tradicionais, que contam histórias de vida e garantem a conservação do patrimônio genético das sementes crioulas. A manutenção da socioagrobiodiversidade se destaca como parte essencial do trabalho das agricultoras, que manejam plantas alimentares e medicinais, preservam saberes e cuidam de uma enorme diversidade alimentar, socioambiental e cultural que compõe a vida no campo. A produção e a troca de mudas, sementes e produtos tradicionais fortalecem os sistemas agrícolas e asseguram a continuidade de práticas agroecológicas e de conhecimentos ancestrais. Essas experiências indicam a resiliência das mulheres frente às condições climáticas, ao mesmo tempo em que preservam espécies e variedades agrícolas fundamentais para a soberania e segurança alimentar e nutricional e para a preservação da identidade do território.

Toda essa contribuição, contudo, revela realidades marcadas por desafios e desigualdades, enfrentados pelas mulheres de distintas formas. Mesmo com diferentes trajetórias, elas compartilham desafios comuns: são as principais responsáveis pelas tarefas domésticas e de cuidado – trabalho historicamente invisibilizado, que se soma às atividades produtivas que realizam dentro e fora de casa. Ao tornar visível esse trabalho por meio das anotações nas cadernetas e dos espaços participativos, o projeto contribuiu

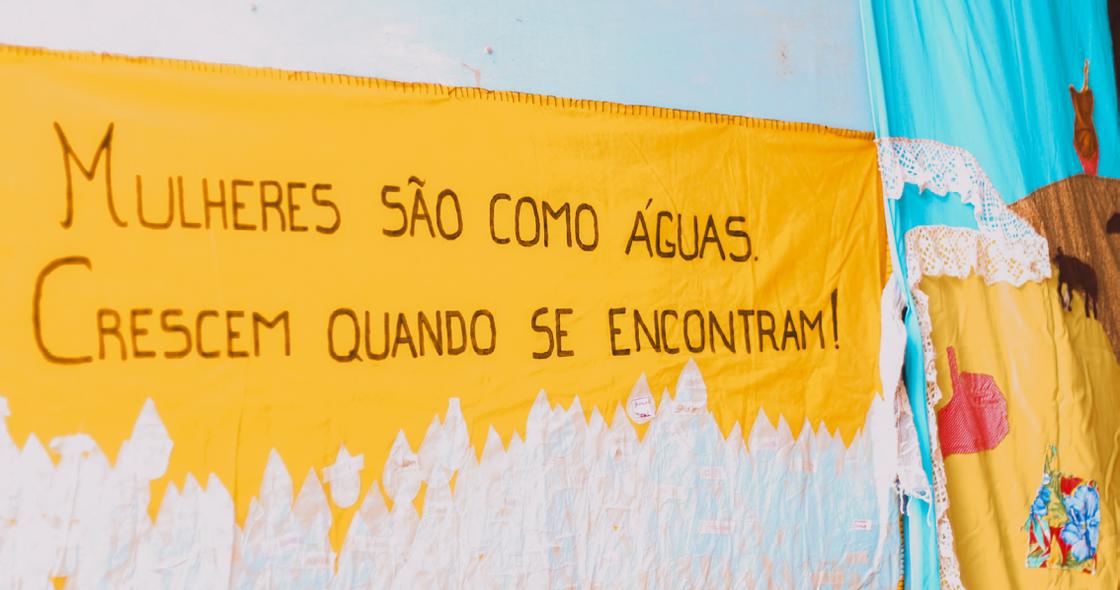
para o questionamento dessa lógica, permitindo que as próprias mulheres reconhecessem o valor do que fazem e abrissem espaço para a reflexão crítica sobre a desigualdade na distribuição dessas responsabilidades.

Essa provocação se estende às organizações de assessoria técnica e à sociedade como um todo: a Campanha pela Divisão Justa do Trabalho Doméstico, como mencionado, é uma iniciativa fundamental para provocar reflexões e mudanças sociais a partir da corresponsabilização de homens e mulheres na distribuição dos trabalhos. O vídeo e demais materiais da Campanha estão disponíveis nas páginas em redes sociais. Além disso, é importante que as ações coletivas sejam planejadas considerando a realidade de extensas jornadas de trabalho desempenhadas pelas mulheres, o que implica em adequações de horários, espaços e logística, como um todo, além da oferta de atividades específicas para as crianças. Reconhecer o papel das mulheres na promoção da agroecologia deve ser uma ação política cotidiana, materializada na garantia de condições concretas para que as mulheres tenham oportunidades de participação social e de inserção em espaços de tomada de decisão.

A sistematização dos dados, associada à reflexão coletiva, também revelou a centralidade do trabalho das mulheres para a economia familiar. Muitas vezes, são elas que garantem a diversidade alimentar, a geração de renda complementar ou até principal da casa, além da organização dos quintais como espaços de produção, cuidado e resistência. A pesquisa contribuiu para a visibilidade e o reconhecimento de atividades e da produção, como o uso da lenha para o preparo dos alimentos, a produção de sementes crioulas, a venda ou troca de mudas, frutas, hortaliças e remédios caseiros.

O projeto impulsionou relações de solidariedade e reciprocidade entre as mulheres, fortalecendo os vínculos comunitários. As trocas de saberes cotidianas, o compartilhamento de dúvidas, receitas, práticas de manejo e de produção e os encontros presenciais consolidaram um espaço de confiança coletiva. Essas interações reforçaram o senso de pertencimento, o apoio compartilhado e a construção de uma rede afetiva e política entre as agricultoras-pesquisadoras.





**Realização:**



**Apoio:**

En partenariat avec



**ENSEMBLE,  
CONSTRUIRE  
UN MONDE JUSTE  
ET FRATERNEL**

Esta cartilha tem apoio da Agence Française de Développement. As ideias e opiniões apresentadas neste documento são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não refletem necessariamente o ponto de vista da Agence Française de Développement.

**Parceiros:**



**Coletivo Triunfo**  
UNÃO PARA A PROTEÇÃO DE HABITANTES E PESSOAS LIVRES DE UZURPA

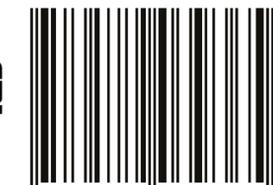






ISBN: 978-65-89039-36-5

CDL



9 786589 039365